

Cataratas do Cachoeira

ALDIR BLANC

Quando eu era menino, vó Noemia chamava o táxi do seu Joaquim, e levava discreta mamba para uma cachoeira, que acredito ser a da Pedra Branca. Vi fotos recentes e reconheci o local. Além disso, eu ficava tremendo de frio com água pelas canelas, procurando entre as árvores um fantasma que haveria no local. Um site sobre a Pedra Branca confirma a lenda da assombração.

Hoje, tem um Cachoeira todo dia desabando nos jornais, com tantas quedas que acho preferível chamá-lo de Cataratas. As do Iguazu, por exemplo, têm 19 principais saltos, cinco do lado brasileiro. Sua formação data de 150 milhões de anos, o mesmo tempo aproximado em que o Cachoeira atua na política brasileira. Cachoeira plantava notícias, depois de negociá-las com ilustres diretores, num semanário tucânico. Cachoeira derrubou na lama o ínclito senadô Demóstenes Torres Gêmeas (nem precisou de aviões sequestrados). Dizem que o ilustre político daquela Casa de Tolerância fez uma operação para reduzir o estômago. Por que não pediu também para diminuir a Mão-Grande? A pororoca não para. Cachoeira patrocinou o enredo da Beija-Flor sobre o rei Roberto Carlos e subornou jurados. Cachoeira telefonou para Torres Gêmeas e fez o convite: que tal ir a um bungalow do Berlusconi? Teor da conversa grampeada:

Cachô: — Quer ir a uma festa do Berlusconi?

Demô: — Justificar uma viagem internacional repentina vai ser difícil.

Cachô: — Que nada! Isso pra mim é mole.

Cachoeira tentou comprar um partido político. Cachoeira escreveu os livros de Paulo Coelho. Cachoeira está metido com carros clonados que vão aquecer a economia paraguaia. Cachoeira teve um caso com Cristina Kirchner. Cachoeira influenciou o Código Florestal. Cachoeira é sócio do programa nuclear do Irã. Cachoeira intermediará as desculpas de Patrícia Amorim a Zico. Cachoeira cotadíssimo para o Nobel de Economia. A defesa de Cachoeira e Torres Gêmeas será vertida para o inglês por Joel Santana. A glandula botafoguense (que vai, claro, posar nua) agiu a mando de Cachoeira, que tem não somente estrela, mas solitária desde, desculpem a má palavra, garotinho.

Cachoeira não está entre os cem Grandes Bandidos Brasileiros, todos soltos. Cachoeira é fchinha em nossa esgotocracia.

Em tempo: suspeitas que envolvem políticos precisam ser apuradas, mas denúncias em blog de Bum-Bum Garoto parece assepsia cirúrgica com titica de galinha.

■ ■ ■

CPI DO ECAD

Reconheço que minhas células cinzentas (as que sobraram) já não processam a informação “Instagram, de acordo com o Mashable, cresceu pela renovação do Android”. Agora, olho meu imposto de renda em 2000, e ainda sei quando estou sendo ROUBADO. É só falar em aplicativo que penso em supositório. Nós, compositores, temos levado verdadeiros pepinos dentro do reto. Magda Botafogo, mulher do amigo e parceiro Carlinhos Lyra, deu um tiro certo: postou no Facebook parabéns pela resistência da ministra da Cultura contra a quadrilha do Creative Commons, sem livrar a cara do Ecad. O projeto de “mudanças” proposto pela gaiata CPI do Ecad foi noteado por um representante do Creative Commons, aquele pessoal do supermercado Peg-e-não-Pag. Senadores ambiciosos, loucos por holofotes, atuaram como papagaios de piratas. O Ecad precisa ser reformulado, mas não de cima para baixo por falsas otoridades. Ruim com o Ecad, pior sem ele. Ainda sobre direito autoral, amei a ministra Ana de Hollanda nos esclarecimentos ao Senado, cheio de inimigos donos de rádio. A ministra da Cultura afastou, como quem dá um tapa em varejeira, a saraivada das gananciosas balas Juquinha.

Olho nessa cambada, Dilma! Estão assaltando nosso patrimônio cultural faz tempo.

ALDIR BLANC é compositor.

O GLOBO NA INTERNET
OPINIÃO | Leia mais artigos
oglobo.com.br/opinião

VERISSIMO Às banalidades

O mundo não tem jeito mesmo, deixa o mundo para lá. Não se preocupe em se distrair e ficar desinformado: quando o mundo chegar ao fim, com um estrondo ou uma inalação, nós saberemos. Fique descansado, ele não acaba sem você. Vamos às banalidades, portanto.

Por exemplo: o que acontece com os seios à mostra quando saem das passarelas? Em todos os desfiles de moda pelo menos metade das modelos mostra roupas transparentes em que os seios aparecem. Mas é raro encontrar alguém na, digamos, vida civil usando as mesmas roupas, ou roupas com a mesma transparência. Os seios não aparecem na mesma proporção, quando as roupas saem das passarelas para a realidade. Ou eu é que ando frequentando a realidade errada?

Pode-se argumentar que os desfiles são representações de um ideal impossível de ser reproduzido no cotidiano. Num desfile de modas todas as mulheres são lindas, altas e magras. São, por assim dizer, mulheres destiladas, ou a mulher como ela sonha ser — e andar, e brilhar, e vestir roupas caras. Desta maneira os seios à mostra nos desfiles também seriam idealizações. Só seriam seios reais se viessem junto com o vestido, e a mulher, usando sua transparência, automaticamente ficasse com seios de manequim.

As manequins são como aqueles desenhos nos cartões à sua frente nas poltronas dos aviões, de pessoas ajustando o colete salva-vidas, colocando as máscaras de oxigênio, assumindo a posição adequada para o caso de queda do avi-

ão, atirando-se pelo tobogã para sair do avião acidentado — enfim, em situações de emergência. E nos cartões ninguém tem cara de quem está numa situação de emergência. Não estão exatamente sorrindo, mas suas expressões é de quem enfrenta emergências com naturalidade, até com um certa indiferença. São pessoas que seguiriam as instruções de respirar normalmente depois de colocar as máscaras de oxigênio — coisa que você e eu nunca faríamos. As manequins são assim. Desfilam como se ser magnífica, com seios magníficos, fosse uma coisa comum. Na vida real, poucas mulheres podem usar uma roupa cara como a roupa cara merece, como manequins. Na vida real, ninguém respira normalmente com máscaras de oxigênio caindo sobre sua cabeça.



Marcelo

Deturpação escandalosa

RENATO PACCA E FABRÍCIO NEVES

Comparar as diversas versões da Wikipedia sobre determinados temas pode ser um interessante exercício. Tratando-se de uma enciclopédia virtual colaborativa, os mesmos verbetes, em línguas distintas (que não constituem necessariamente meras traduções), contêm diferenças mais ou menos sutis, que podem revelar diferentes pontos de vista.

Neste sentido, enquanto as versões em inglês, francês e espanhol indicam que a liberdade de imprensa, como corolário da liberdade de expressão, garante ao cidadão o direito de organizar-se, de escrever e publicar o que bem entender, sem a interferência do Estado, a versão em português maliciosamente modifica o conceito, ao mencionar que a liberdade de imprensa é um princípio pelo qual o Estado garante aos seus cidadãos a livre expressão, como se tratasse de uma benesse estatal. Em seguida (em uma tradução marota do verbebo em inglês, excluindo palavras que alteram o sentido da frase), afirma-se que cada governo tem competência para legislar em relação a esta matéria, “de forma a classificar os assuntos que devem ser do conhecimento público ou não, de acordo com os interesses governamentais”.

A deturpação é escandalosa, porém denota que ainda é preciso insistir e avançar no debate, até porque constantemente se renovam as tentativas de controle da imprensa. Todos podem expor sua opinião e escrever sobre os mais variados assuntos, porém reclama-se de tudo: da notícia dada, da notícia não dada, da preferência de determinada revista por uma linha política e econômica — como se a liberdade de imprensa não trouxesse implícita também a liberdade de escolha entre o que publicar e o que não publicar, deixando ao público leitor e consumidor a escolha soberana para comprar o produto e formar sua convicção.

O Brasil possui uma imprensa livre, ainda que concentrada em poucos grupos (que competem entre eles, ressalte-se), com centenas de meios independentes e milhares de blogs e informativos na internet, todos tentando atrair e agradar a milhões de leitores e espectadores, que por sua vez exercem seu direito de escolha. A alternativa “democrática” não pode ser a substituição desse sistema por alguns burocratas encastelados em um órgão estatal, indicados pelos de sempre, com poderes “regulatórios”.

A cultura da plena liberdade de expressão — tão consolidada nos EUA e em outras democracias avançadas — permanece muito mal compreendida e exercitada entre nós. Sua defesa não pressupõe a defesa dos interesses de jornalistas, editores ou donos de grupos de comunicação. Pressupõe, sim, a defesa da independência intelectual de cada cidadão. A liberdade, em última análise, não é da imprensa, mas da expressão jornalística, que por sua vez sempre flui como um canal de livre manifestação da sociedade.

RENATO PACCA E FABRÍCIO NEVES são advogados.

JOÃO UBALDO RIBEIRO

Escrevi esse título aí sem pensar em nada além de aproveitar a célebre ária do Rigoletto para o assunto sobre o qual acho que vou escrever hoje. Não vejamos nesta incerteza, queridos leitores, irresponsabilidade, leviandade ou escassez de disciplina profissional. É que, pelo menos para certos escritores, assunto é assim: o sujeito pensa que assunto, toma a frente e às vezes cria situações difíceis. Em todos os romances que escrevo, sempre há algum personagem que eu quero matar e ele não morre, alguém que eu quero casar e ele se recusa. Com assunto é a mesma coisa e receio que algo do gênero está acontecendo no momento.

Sim, porque eu ia (ou ainda vou, quem sabe) escrever sobre como a ciência, de um certo ponto de vista, parece mais volúvel que a mulher tratada na ária. Aí, viva meu anjo da guarda, me ocorreu que enfrentamos tempos perigosos, há ciladas por toda parte. Talvez vocês nem tenham pressentido, mas vejam a fria em que eu ia entrar. Ia atribuir um aspecto, digamos, negativo da ciência à semelhança desta com a mulher. Não sacaram, não? Eu ia desmerecer a ciência usando a figura da mulher, ou seja, Deus me defenda, fazer da condição de mulher um insulto. Isso é do tempo em que os guerreiros gregos, no cerco de Troia, menosprezavam seus companheiros, chamando-os de “mulheres acaias”, coisa de mais de dois mil atrás, vá ser atrasado assim na Coroa do Limo, lá na ilha.

Como pude quase cair nessa? Choveriam cartas e e-mails inflamados, talvez artigos de protesto, me acusando de misoginia, machismo, sexismo, heterofobia e talvez até assédio sexual, sei lá, também está na moda. E não duvido nada que já exista alguém do Ministério Público tocando o primeiro infeliz que entre nessa esparrela. Não pude sopitar um calafrio, mas logo me recuperei do choque e descortinei atrás dele todo um novo horizonte. Meus olhos se abriram para o mal que nos acomete de todos os lados, a ponto de não sabermos mais por onde começarmos a nos defender.

Lembrei a ária que motivou este palavrório todo. Não a sei de cor, mas já a ouvi e li a letra várias vezes, assim como muitos de vocês. E quem quiser pode pegá-la no Google, a erudição ao alcance de todos. E escandalizar-se, meus caros amigos, escandalizar-se! Faz praticamente dois séculos que essa ária está aí e ninguém se deu conta! Meu caso é típico, só fui notar agora, por feliz coincidência. Como se pode permitir que palavras tão depreciativas, tão desdenhosas,

por mulheres, inclusive a nossa, não se faz nada para impedir a renitência do preconceito, e através de uma das vias mais importantes para a consciência humana, que é a arte?

A arte, parafraseando alguém aí (veja no Google), é importante demais para ser deixada na mão dos artistas. E o pensamento, mais ainda, é importante demais para ser deixado na mão dos que pensam. Isso vem ficando cada vez mais claro e acho até que ocupamos um lugar de destaque no mundo. Assistimos, aqui no Brasil, a um episódio recente, envolvendo problemas raciais numa obra de Monteiro Lobato. Não sei em que é que deu, mas lembro que se favorecia a “contextualização” do romance. Isso nada mais é que tutelar a leitura, ou seja, ensinar como ela deve ser apreendida ou compreendida. “Onde você está lendo ‘isso’, não é bem ‘isso’.” Vá lá que não se reescreva o texto original, para adequá-lo à nossa época e a nossos valores, evitando ainda o risco de ver ressuscitados conceitos nocivos e cientificamente inaceitáveis, mas pelo menos baixemos normas para seu correto entendimento.

Não vejo como escapar disso, na

construção da sociedade perfeita que almejam para nós, o mais possível fundada em inatacáveis, porque reais e inalteráveis, verdades científicas. Sei que é difícil, mas não custa sonhar. E é passo a passo que se chega ao objetivo, nenhuma área é mais importante que a outra e a prioridade é ditada pelo momento histórico (não tem nada a ver, mas hoje estou todo cheio de parênteses mesmo: alguém se lembra de “momento histórico”? Antigamente a esquerda falava muito em momento histórico, nunca mais ninguém falou).

Por que não aproveitamos o embalo e criamos a Agência Nacional da Contextualização da Arte, que, pelo porte que deverá ter, melhor ficaria se ministério? Tirando pela fertilidade cunicular (vamos lá, nunca mais fiz a brincadeira do dicionário, e esta é boa, não

tem no Aurélio nem no Houaiss) na gestão de ministérios, demonstrada pelos últimos governos, uns quatro ministérios. E a Agência Nacional de Controle Social da Arte e da Cultura, junto à qual talvez finalmente consigam encaixar a tão ansiada Agência de Controle Social da Mídia. Aos melhoramentos culturais se aliam os socioeconômicos, a geração de empregos, as novas profissões (“Explicador das Intenções do Artista”, “Contextualizador Credenciado”, “Esclarecedor Juramentado”) — as possibilidades chegam a entontecer, roam-se e mordam-se os pessimistas.

Perdão, leitores mas, como temia, fui vítima de um assunto enxerido. Eu só queria comentar como é volúvel a ciência e como, cada vez a menores intervalos, o que ontem matava hoje rejuvenesce, o que hoje emagrece ontem engordava. A falar na retumbante redefinição do coco ora em curso, matéria com que, baiano sendo, tenho algum envolvimento emocional. Mas aí fui botar mulher no meio e me enrolei todo. Domingo que vem, tento desenrolar.

JOÃO UBALDO RIBEIRO é escritor.

Por que não
criamos a Agência
Nacional da
Contextualização
da Arte?